

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO
PROFESSOR NOTA 10
DISCIPLINA: MONOGRAFIA I
PROFESSOR ORIENTADOR: JORGE LEITE DE OLIVEIRA**

ACADÊMICAS:

CARMEM LUCIA VELOSO DANTAS - RA. 4030040/7

ELIANE RODRIGUES DA SILVA – RA. 4026240/9

LILIAN ALENCAR – RA. 4030184/5

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO JUVENIL NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS 3ª E 4ª SÉRIES DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

**BRASÍLIA
2005**

**CARMEM LUCIA VELOSO DANTAS
ELIANE RODRIGUES DA SILVA
LILIAN ALENCAR**

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO JUVENIL NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS 3ª E 4ª SÉRIES DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB como
parte das exigências para conclusão do
Curso de Pedagogia – Formação de
Professores para as Séries Iniciais do
Ensino Fundamental – Projeto Professor
Nota 10.

Orientador: Prof. Jorge Leite de Oliveira

**BRASÍLIA
2005**

DEDICATÓRIA

A todos que de alguma forma contribuíram para que concluíssemos esse trabalho:
familiares, amigos e ao nosso orientador.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que esteve presente em todos os momentos nos dando força, coragem, paciência e sabedoria para continuarmos firmes em nossa caminhada, nos proporcionando outra dimensão de conhecimento.

Aos nossos familiares e amigos pelo apóio e carinho.

Ao nosso orientador Jorge Leite de Oliveira pela paciência e pelo bom trabalho que realiza.

RESUMO

A concepção desse projeto é a de dotar o aluno de instrumento necessário ao desenvolvimento da língua, através de situações concretas de linguagem oral e escrita, tornando-o usuário completamente dela e possibilitando-lhe a plena participação da sociedade com direitos e deveres assegurados como pessoa atuante e feliz. O projeto visa além da experiência e interação constante, levar a criança a estar sempre motivada a construir seu conhecimento sobre leitura. Esse processo tem que ser instigante e prazeroso levando a criança a ser estimulada a querer descobrir os significados dos escritos e a produzir seu próprio ambiente alfabetizador. O professor preocupado em formar novos leitores – tem que saber aliar o lúdico ao prazer do texto literário, a fim de tornar sociáveis as descobertas individuais, usando estratégias que permitem a prática da dramatização, da música, da modelagem, da pintura, do recorte, da colagem ou outras formas de expressão, como maneira de descobrir enriquecer, atuar, inovar e não cair na mesmice da leitura praticada diariamente em sala de aula. É pensando na criança que enfrenta novos desafios, novas situações, novas descobertas, porque esta inserida num mundo onde as mudanças ocorrem de forma rápida, percebendo que suas idéias, razões, opiniões mudam também as situações que vivenciam é que o professor deve trabalhar a literatura infantil no mundo moderno. Deve-se entender esse mundo e agir sobre ele, o que para isso, exige do professor permanente atualização para o progresso do processo ensino – aprendizagem. Daí a importância da literatura infantil nestes tempos de crise cultural cumprindo sua tarefa de alegrar, instruir, distrair ou emocionar o espírito de seus pequenos leitores ou ouvintes, leva-os de maneira lúdica, fácil, a perceberem e a interrogarem a si mesmo a ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação ou de segurança, ao lhe propor objetos, idéias ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social.

Palavras chaves: instruir, distrair, emocionar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL	11
1.1 Literatura infanto-juvenil para o leitor brasileiro: presença de Monteiro Lobato	12
1.2 A literatura infanto-juvenil e a escola: uma relação de prazer	13
1.2.1 Literatura infanto-juvenil: emancipação ou autoritarismo	14
2 O QUE É LITERATURA INFANTIL	17
2.1 Literatura: tudo começou com contos e fábulas	17
2.1.1 Charles Perrault (1628 – 1703)	19
2.1.2 Os irmãos Grimm	19
2.1.3 Hans Christian Andersen (1805 – 1875)	20
2.2 A importância das histórias	21
2.3 Literatura infantil, escola e desenvolvimento infantil	22
2.3.1 A literatura infantil na escola: A representação da criança	22
2.4 O lugar da criança na cultura	24
3 INFLUÊNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO	26
3.1 O trabalho da família: estímulo à leitura	27
3.2 O trabalho da escola	28
3.2.1 Como a literatura pode contribuir em sala de aula	31
4 LITERATURA INFANTIL: LIVRO, LEITURA E LEITOR	32
4.1 Como surgiu o livro	35
4.1.1 A relação do adulto com a leitura	35
4.2 Desejando o livro – A essência da literatura	36
4.2.1 Literatura e criança	38
4.3 Imaginação e leitura	39
4.4 Comprometimento emocional do leitor com o livro	41
4.5 Literatura também informa	42
4.6 A literatura e o espírito crítico	43
5 O QUE SE DESEJA, AFINAL, EM RELAÇÃO AO ENSINO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL	44

5.1 A literatura infantil: abertura para a formação de uma nova mentalidade-----	45
5.2 A natureza da Literatura Infantil-----	47
CONCLUSÃO-----	49
REFERÊNCIAS-----	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve o tema sobre a importância da Literatura Infanto Juvenil no processo de aprendizagem das 3ª e 4ª séries do ensino fundamental. A idéia de desenvolver o projeto de literatura vem de uma questão que angustia pais e professores em todo Brasil: os jovens e as crianças não lêem.

Na atualidade percebemos que os livros estão sendo substituídos pela tecnologia (jogos eletrônicos, televisões, videogames e computadores). Todos esses recursos são importantes para o desenvolvimento da criança, assim torna-se necessário usar essa tecnologia de forma benéfica e (re) introduzir os livros e conseqüentemente uma leitura de qualidade na sala de aula. Deve-se estimular os alunos e buscar junto aos mesmos uma sensibilização do quanto é importante à leitura durante sua formação.

Diante das observações feitas em sala de aula, percebemos a necessidade de despertar de forma duradoura o interesse dos alunos de 3ª e 4ª séries pela leitura, e utilizar a leitura como forma de conduzir a criança na arte de ler bem e de bem compreender o que lê.

Procuraremos desenvolver um estudo sobre a leitura na sala de aula e o prazer que ela pode proporcionar ao leitor. Buscaremos analisar a leitura em sala de aula, estimularemos nos jovens estudantes a consciência da importância da leitura, promoveremos entre os estudantes uma visão mais dinâmica e mais interessante da vida social, criando condições para melhor se situarem nas grandes questões que atravessam a sociedade.

A concepção desse projeto é a de dotar o aluno de instrumentos necessários ao desenvolvimento da língua, através de situações concretas de linguagem oral e escrita, tornando-o usuário competente dela e possibilitando-lhe a plena participação na sociedade com direitos e deveres assegurados como pessoa atuante e feliz.

Quanto mais atos de leitura a escola proporcionar aos alunos mais chances terá de transformá-los em cidadãos usuários competentes e participantes do desenvolvimento da vida em sociedade.

O projeto visa além da experiência e interação constante, levar a criança a estar sempre motivada a construir seu conhecimento sobre leitura. Esse processo tem que ser instigante e prazeroso, levando a criança a ser estimulada a querer descobrir os significados dos escritos e a produzir seu próprio ambiente alfabetizador.

Garantir aos alunos situações de uso da linguagem das capacidades discursivas e das lingüísticas possibilitar a autonomia dos aprendizes diante da leitura, um dos objetivos fundamentais da Educação Básica.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (2000), a psicogênese da leitura e da escrita, deve ser analisada e melhor compreendida sob uma visão interacionista desde que seja associada a outros aspectos lingüísticos, político-sociais e filosóficos.

Este tipo de abordagem nos permite reconhecer, aceitar na prática – O aluno como sujeito de aprendizagem.

Portanto, o aluno não é alfabetizado pelo professor, mas ele próprio se alfabetiza à medida que vai interagindo com a leitura, até que ele próprio consiga compreender, de forma conceitual o que ler.

A leitura, sendo um objeto sócio-cultural, fica sempre condicionada, aos estímulos do ambiente, às situações e oportunidades em que o aluno possa vivenciar experiências significativas de leitura e escrita.

Assim, um projeto educativo de ensino comprometido com a construção da democracia deve atribuir à escola a função precípua de garantir aos alunos, situações de uso da linguagem, das capacidades discursivas e das lingüísticas. Afinal o desenvolvimento dessas capacidades e sua ampliação, ao longo dos ciclos escolares, possibilitam a autonomia dos aprendizes diante da leitura, um dos objetivos fundamentais da Educação Básica.

Segundo Jesualdo (1999). Autor do livro mais completo sobre literatura infantil que conhecemos, os mitos, as criações populares são a base dessa literatura. A infância não deve ser perdida, é sempre bom conservá-la principalmente quando o nosso trabalho é com crianças e para crianças.

A literatura infanto-juvenil é um dos maiores instrumentos de conscientização desse grupo ainda imaturo, mas evidentemente esperto, para perceber os problemas do mundo moderno. Ela mexe com suas emoções e sentimentos, e atua diretamente na formação de conceitos.

Um bom livro pode interagir diretamente na assimilação do conhecimento e na construção da efetividade, elementos essenciais para a formação e desenvolvimento do ser humano e sua promoção social.

Ler literatura, refletir e pensar em possibilidades diferentes de vida, por meio da experiência de viver simbolicamente uma infinidade de vidas alternativas junto com os personagens de ficção é ter elementos de comparação variados.

Uma boa razão para usufruir esse direito é o prazer que essa leitura nos dá. A satisfação de se deixar transportar para outro tempo e outro espaço, viver outra vida com experiências diferentes do cotidiano. O projeto será desenvolvido em turmas de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. Com alunos entre 08 a 13 anos de idade.

A percepção do mundo, com a literatura, dá-se aos poucos num processo gradativo de estímulo positivo do professor para com seu aluno e das percepções particulares de cada pequeno leitor, que vai construindo, completando os vazios de interpretação que o próprio texto oferece. Tais vazios vão se mostrando de acordo com a concepção de cada aspecto da cognição: mente e sensibilidade. Em outras palavras, razões e emoções.

O professor deverá conhecer os meios de produção cultural e seu papel na constituição do ser da criança e do jovem. Quando se fala em literatura e em formação de leitor, nada substitui o livro, mas não devemos esquecer de que existem várias alternativas para levar a cultura ao aluno.

A tendência do professor é dar à literatura um enfoque tradicional, trabalhando somente com fins pedagógicos, ignorando o caráter lúdico que a literatura representa para as crianças.

O professor preocupado em formar novos leitores – tem de saber aliar o lúdico ao prazer do texto literário, a fim de tornar sociáveis as descobertas individuais, usando estratégias que permitam a prática da dramatização, da música, da modelagem, da pintura, do recorte, da colagem ou outras formas de expressão, como maneira de descobrir, enriquecer, atualizar, inovar e não cair na mesmice da leitura praticada diariamente em sala de aula.

É pensando na criança que, a cada dia enfrenta novos desafios, novas situações, novas descobertas, porque está inserida num mundo onde as mudanças ocorrem de forma rápida, percebendo que suas idéias, razões, opiniões mudam também as situações que vivenciam, é que o professor deve trabalhar a literatura infantil no mundo moderno, entendendo esse mesmo mundo e agindo sobre ele, o que, para isso, exige do professor permanente atualização para o progresso do processo ensino-aprendizagem.

Trabalhar literatura infantil de forma abstrata, desinteressante, não aproxima a prática pedagógica da função lúdica, cognitiva e catártica que possui a obra literária. É indispensável reafirmar que a literatura infantil é um dos recursos mais encantadores no processo educacional.

Todos amamos ouvir histórias e muitos de nós prolongamos esse prazer pela vida afora nos transformando em leitores verazes. Para que o processo de alfabetização seja

também um processo efetivo de formação de leitores, o convívio com livros literários deve começar cedo.

Quando o professor conta histórias, lendo o texto escrito, a criança tem oportunidade de desenvolver diversas noções a respeito da língua escrita que vão contribuir para o desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento.

A literatura como toda a arte é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma o corpo e nova realidade. (Coutinho, 1978, p.32).

Considerando conceitos de literatura infantil, uma obra literária infantil deve completar aspectos relativos ao fantástico, ao mágico, ao maravilhoso, ao poético. Hernandez (1985) compreende a literatura infantil como:

(...) um conjunto de obras nas quais a linguagem seja o essencial e não um instrumento para levar à criança algo diferente do que exige seu mundo interior, um mundo no qual a imaginação é magia que fez de cada realidade uma imagem e de cada imagem uma realidade e na qual a criança constituiu-se o rei da natureza e, impulsionado por seu animismo, de um pau faz um cavalo.

O conceito elaborado por Hernandez enfatiza o papel que a fantasia, a imaginação, o faz de conta desempenham na construção do mundo interior da criança e de suas relações com o mundo exterior. Tais idéias nos levam a considerar a necessidade do professor perceber-se conscientemente no papel de alguém que é responsável por assegurar que à criança não seja negado o direito de viver a inesgotável experiência de ler.

Fora da orientação do professor, pode ocorrer que bem poucas crianças das classes populares contam com alguém para apoiá-las na sua construção da leitura, notadamente, da leitura por prazer, porque este tipo de leitura sofre um certo preconceito, por ser entendido como uma prática ociosa, de valor menor, (“Necessário mesmo é estudar no livro didático”, afirmam muitos pais de alunos). Sabemos que avaliações como essas decorrem, na maioria das vezes, da não experiência com a leitura.

1 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Segundo Carvalho (2004) o impulso de contar histórias deve ter nascido no momento em que o homem sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua que poderia ter significação para todos. Tal fato explica a relação entre oralidade, escrita e literatura.

A literatura infanto-juvenil manipula um certo conceito de criança ou de adulto, ela não está apenas pregando um modelo ela está agindo de acordo com uma imagem, de acordo com um modelo, um conceito. Criar um texto, criar uma imagem não é refletir. É agir. É atuar no concreto. E executar uma ação.

Neste sentido, a criação e a produção de livros infanto-juvenis pode não apenas reproduzir modelos de relacionamentos existentes, mas propor outros: novos modelos de ação concreta junto à criança, que poderão atuar como guias para outros adultos, que se relacionam com crianças, em outros campos.

Assumindo o papel de atores e não de refletores, criadores da literatura infanto-juvenil podem transformar sua pobreza em arma, sua fragilidade em estratégia. Certas formas de ação do adulto são, por uma série de razões peculiares, refratárias à mudança. Assim, por exemplo, o relacionamento professor-aluno arrasta o peso de uma instituição social, o peso de uma máquina burocrática com exigências e controles extremamente rígidos. Aqui, as tentativas de inovações concretas enfrentam inúmeras barreiras visíveis, vivas e atuantes: dos superiores, dos pais, do espaço físico, dos horários, etc. O relacionamento de pais com filhos é todo ele calcado num jogo de emoções e de modelos efetivos muito denso, cujas alterações necessitam passar muitas vezes, por uma reorganização interna intensa, lenta e trabalhosa. Ora a literatura infanto-juvenil, por sua forma específica de comunicação, mediatizada pelo livro, lidando com o simbólico, com o imaginário, pode se constituir em terreno propício à criação de novas formas de relacionamento com a criança. Ao invés de seguir modelos, erigir-se em modelo. (ROSEMBERG,1985.p.75-6).

Segundo Zilberman (1988)

Uma das funções primordiais da literatura infantil é oportunizar a leitura prazer. Aquela leitura que é necessariamente uma descoberta do mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual. (apud Carvalho 2004, p. 29).

Um dos melhores caminhos para formar leitores é inicialmente contar-lhe histórias. Contar histórias é um ato que faz bem a quem ouve e quem as conta, pois é um encontro entre pessoas. Vivemos numa época que propicia por diversos fatores o individualismo e o isolamento pessoal. A nossa volta impera uma violência que provoca a sensação de prisão e a solidão principalmente nas crianças e adolescentes.

1.1 Literatura infanto-juvenil para o leitor brasileiro: presença de Monteiro Lobato

A literatura infanto-juvenil, não se limita às fábulas, aos contos e às narrativas contemporâneas dirigidas ao público com faixa etária de 0 a 14 anos. Na realidade, é grande o espectro de obras recomendadas às crianças e pré-adolescentes.

Esse espectro inclui as narrativas folclóricas (lendas e histórias regionais) e toda a riqueza deixada pela mitologia, principalmente a mitologia grega e latina. Aliás, muitos dos contos maravilhosos e até dos contos de fadas que herdamos da Antiguidade Clássica derivaram do folclore dos países europeus e de suas narrativas regionais.

E no Brasil? Em nosso país, o primeiro nome que avulta num cenário de narrativas para crianças é o de Alberto de Figueiredo Pimentel, que publica em 1894 a coletânea *Contos da Carochinha*; em 1896, *Histórias da avozinha*, *Contos de fadas*, e *Histórias da baratinha*, uma adaptação de contos tradicionais populares e histórias européias de fadas. Portanto, até o final do século XIX, as crianças brasileiras liam e ouviam os clássicos europeus traduzidos.

No entanto, só se pode falar em literatura infantil feita no Brasil a partir do século XX. O marco é José Bento Monteiro Lobato que nasceu a 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté/São Paulo, filho do fazendeiro José Bento Marcondes Lobato e de dona Olímpia Augusta Monteiro Lobato. Além de ser o maior escritor da literatura infanto-juvenil brasileira, foi também inventor, constituindo-se um dos autores mais interessantes da literatura do país. Criou uma das primeiras editoras brasileiras e, em 1918, a Monteiro Lobato e Cia. Antes dele, todos os livros eram impressos em Portugal; com ele, inicia-se o movimento editorial brasileiro.

Monteiro Lobato foi genial e singular ao mostrar que o maravilhoso é possível de ser vivido por qualquer um. Ao misturar o mundo imaginário com a realidade concreta, ele mostra que no mundo cotidiano há possibilidade de acontecerem aventuras maravilhosas, em geral, restritas aos contos de fadas ou ao mundo da fábula, e, mesmo assim, vividas por seres extraordinários.

Grande parte da literatura desse autor sempre foi direcionada aos pequeninos, produzindo durante toda sua carreira literária 26 títulos destinados ao público infantil. É um dos mais importantes escritores da literatura infanto-juvenil da América Latina e também do mundo. Sua obra completa foi publicada em 1946, pela Editora Brasiliense. Essa edição foi preparada e reformulada pelo próprio Monteiro Lobato, que, inclusive reviu diversos de seus livros infantis.

1.2 A literatura infanto-juvenil e a escola: uma relação de prazer

Na obra *Formação do leitor na história da leitura*, Zilberman (apud PEREIRA, 2002), ao abordar a experimentação do leitor no ato da leitura, e mais especificamente o ensino da literatura, afirma:

A literatura implica aprendizagem, se o texto for aceito enquanto alteridade com a qual um sujeito dialoga e perante a qual se posiciona. A leitura implica aprendizagem, quando a subjetividade do leitor é acatada e quando o leitor, ele mesmo aceita-se como o eu que perde e ganha sua identidade no confronto com o texto. Que nem todos leitores admitem as regras desse processo, sugere-o o depoimento de Schopenhauer; que instituições como as escolas ainda não descobriram como trabalhar com esse jogo entre identidade-alteridade, mostra-o a trajetória da leitura no ensino da língua portuguesa.(ZILBERMAN. 2002, p.29).

Por isso, talvez seja o caso de transformar o de dentro da sala de aula em o de fora da leitura, com a escola aprendendo com a literatura, em vez de ensiná-la. Ora, como lemos na citação apresentada, a aprendizagem do sujeito em relação à leitura de literatura é de valor inquestionável para a formação do caráter do aluno.

Zilberman quer nos alertar não só para leitura em geral, mas também para a função do ensino da literatura nas escolas, como matéria sensível para a formação do homem. Assim vemos que a percepção do mundo com a literatura ocorre aos poucos, num processo gradativo de estímulo positivo do professor para com seu aluno e das percepções particulares de cada pequeno leitor, que vai construindo, completando os vazios de interpretação que o próprio texto oferece e que vão mostrar-se, de acordo com a concepção de cada aspecto da cognição: mente e sensibilidade; razões e emoções. Tudo isso partindo de um grau de percepção que se altera e vai construindo uma consciência a partir de elementos anteriores ao processo de leitura, que se evidenciam durante o processo da mesma e após ele, numa contínua construção positiva ao longo da vida.

1.2.1 Literatura infanto-juvenil: emancipação e autoritarismo

Para compreender que as histórias levam o pequeno leitor a vivenciar na literatura, pelo mundo mágico, conflitos que são seus e que precisam ser conhecidos, enfrentados, resolvidos e vencidos, torna-se necessário lembrar que a literatura infantil mais antiga era conservadora, bem como a forma como era abordada em sala de aula. Isso se explica por sua função pedagógica: moldava as crianças pregando obediência aos pais e submissão aos mestres. Felizmente, as crianças não são, por natureza passivas, obedientes ou submissas: elas são um ser em si e não um vir-a-ser-adulto ou alguém que “ainda não é”, como eram vistas antigamente pelos olhos dos adultos.

Cabe ao professor a decisão do que é melhor e mais desejável para um ou outro contingente de crianças e jovens, pois é ele quem deve conhecer a realidade das crianças com as quais está em contato pedagógico. Para tanto, deve ter critérios críticos diante de uma recomendação e perguntar-se se elegeria determinados livros recomendados por editoras.

Zilberman & Magalhães (1987), discutem “verdades construídas” que, repassadas de uma educação anterior condicionante, estão presentes na maioria dos textos destinados às crianças e jovens, e que no Brasil se evidenciam até as publicações de Monteiro Lobato. Isto porque, até então, nas décadas de 1920 a 1940, principalmente, a denominação cultural era registrada em obras a fim de moralizar, educar, informar, transmitir conhecimentos e comportamentos exemplares.

O autoritarismo. No confronto ou analogias entre ficção e realidade “[...] escondem-se certos mecanismos ideológicos de revelação/encobrimento que servem aos adultos para domesticar e submeter às crianças às suas vontades” (SILVA NETO, 2004). Ora, no tipo de literatura que estamos discutindo encontraríamos, segundo muitos críticos, a imposição de limites, de verdades, da fidelidade ao real e do razoável, que levariam a criança e o jovem a não receber da literatura a elas destinada um caráter emancipatório.

Contudo, o referido autor contesta os defensores de uma realidade em detrimento de uma fantasia. Para ele, é justamente a fantasia um espaço privilegiado que leva a criança vê o mundo. Por isso, o autor defende que a imaginação é a forma mais elevada do desenvolvimento intelectual. Desse modo, o que seria despertado pela imaginação criadora da criança, ao ler os contos de fadas, seriam hipóteses mágicas e não conteúdos autoritários.

A complexidade dos diversos pontos de vista relativos aos conteúdos emancipatórios ou autoritários pode muito bem ser resolvida pela capacidade do professor em discernir fantasia de realidade, história de vida real. O que ele deve é permitir ao leitor que sua

imaginação o leve para o crescimento e identificação pessoal, para que, a partir da leitura, ela possa tornar-se mais crítica e autônoma, ao deparar-se com diferentes situações e saber lidar com elas.

O que seria, afinal, um conteúdo autoritário? Zilberman (1981) o relaciona com a literatura dos contos de fadas, enquanto vista como formadora, por exemplo, quanto a mocinha é caracterizada como bela, dócil, boa; a personagem má é feia e desprezível; essas características ocorrem, aponta e autora, provavelmente para tornar a bondade mais atraente à criança, bem como a maldade e feiúra, desprezível; um problema é aí é desencadeado é daí encontramos o fator autoritário: o preconceito com a feiúra e a eterna busca de beleza, sinônimo de bondade e felicidade eterna.

Também é possível citar como fator autoritário à desavença e competição entre as mulheres, originada pelo grande sofrimento de Cinderela, a grande vítima da bruxa má. Nesse jogo de poder, salienta-se características femininas dignas de disputa: a beleza e sua desencadeante inveja. A trama autoritária se encerraria, ainda, pelo natural casamento de branca de neve com um príncipe-ela, digna de virtude, recebem como recompensa um príncipe rico, o que caracterizaria a visão autoritária do conteúdo da obra.

A emancipação. É Monteiro Lobato, conforme afirmam Zilberman e Magalhães(1987), que “[...] revoluciona a literatura infantil brasileira, introduzindo uma série de novos elementos tanto formais como em conteúdo” (p.43), pois é ele que nos vai oferecer uma literatura infantil crítica, visto que se preocupa em “debater assuntos públicos” para que sejam mais facilmente entendidos pelas crianças. Seu toque de humor fará com que se “[...] desmistifique uma série de pseudoverdades” (ibidem, p.65). Essa nova literatura infantil faz com que – e principalmente na voz na personagem Emília, deste a percepção da subversão da linguagem, pela invenção de novas palavras, até a percepção de uma ideologia subversiva, entremos em contato com uma literatura que apresenta idéias liberais nacionalistas. É importante pensar acerca da influência, para as crianças e jovens, de histórias com essas características.

Cabe registrar, também, que nos anos 70 a literatura sofreu uma influência de importantes movimentos sociais, como, por exemplo, a redemocratização do país e o movimento feminista. Autoras como Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Lygia Bonjunga Nunes ainda apresentam uma “[...] preocupação com a reflexão crítica por parte do leitor, a linguagem inovadora e o humor como instrumento desmistificador”. (ibidem, p.69) Todavia, em decorrência do movimento feminista, as obras já trazem uma visão mais questionadoras sobre a figura feminina, a fim de quebrar um ciclo da sujeição da mulher. Assim, os

professores devem estar atentos para estimular na criança a descoberta do SER e não o fato de TER, em função do primeiro. A criança será levada também, com os contos de fadas, à descoberta de seu próprio ser e não de uma imagem ideal, estereotipada. Isso é que lhe trará emancipação.

A literatura é e deve ser lazer, porque os bons livros levam a criança e o jovem, e a nós também, professores, a outros mundos, a dar vida a nossos sonhos. O que professor deve fazer essencialmente é procurar interpretar com o aluno outras linguagens, conhecer outras realidades ao lado da leitura de obras que apresentam temas atuais e de obras que fazem a redescoberta de obras literárias do passado.

2 O QUE É LITERATURA INFANTIL

Literatura é o marco inicial de uma cultura [...] os primeiros passos na formação moral, social e literária são as histórias infantis [...] A literatura infantil surgiu da grande procura que os pedagogos tinham a técnicas e processos adequados à educação das crianças, então descobriram esta “mina de ouro” que são as histórias. Os psicólogos aprovaram. (Escola Revista do Professor, 1908, p.9).

A definição apresentada é abrangente e, inicialmente, nos informa que a literatura feita para crianças é reconhecida como um gênero, compartilhando-a mesma importância que a literatura brasileira, a literatura portuguesa, a poesia, o teatro. Diz também que é escrita para um público bem particular- a criança- o que obriga o autor/escritor a pensar na adequação de seu texto à faixa etária do provável leitor, como também nas necessidades e potencialidades próprias para uma formação específica.

Mas a definição nos permite ir mais longe: leva-nos a buscar o fio da meada, os primórdios da literatura infantil, quando ainda não tinha esse adjetivo a caracteriza-la.

É que até meados do século XVII, era como se a infância não existisse. Naquela época, circulavam principalmente as narrativas de La Fontaine (fábulas), editas entre 1668 e 1694. Mais tarde, no final do século XVII e durante o século XVIII, as histórias de La Fontaine foram estendidas ao público infantil. Até esse período, a criança era vista como um pequeno adulto, sendo comum a crença de que nada de especial havia em sua criação.

A literatura infantil desenvolve a imaginação o que propicia ao aluno desenvolver diversas capacidades como a de interação com o mundo, ampliando seus horizontes, enriquecendo seu vocabulário e a capacidade de argumentar, criticar e defender pontos de vista. Daí a importância de formar leitores, pois é um meio de inseri-lo na cultura letrada, condição essencial para se viver bem no mundo onde a leitura da palavra é ponto importante para a sobrevivência em todos os sentidos.

2.1 Literatura: tudo começou com contos e fábulas

Vejo os contos como um gênero literário que por suas características pode contribuir para reduzir esta violência social. Os contos de fadas exibem seres humanos comuns, preocupados em solucionar seus problemas, não diferentes daqueles que afetam o ser humano

real. Neles há confronto entre o bem e o mal, e inveja e o ciúme, que a beleza produz e que a bondade pode despertar, valoriza a paciência diante de um destino adverso e a busca de outros caminhos para fugir dele, exalta-se à solidariedade, recompensa-se à virtude e castiga-se o mal. Por tudo isto os contos de fadas são excelentes meios para o enriquecimento do pequeno leitor (ouvinte).

Ao ouvirem ou lerem os contos de fadas, as crianças e jovens, mesmo sem saber, estão formando as leituras de mundo que a ajudarão nos caminhos a serem trilhados na vida. Em cada história há uma verdade. No mundo hoje, percebe-se a ausência de parâmetros para o comportamento humano e os exemplos narrados nos contos de fadas em que a virtude é exaltada, o mal é castigado e os grandes ideais saem vitoriosos podem ser ótimos guias para os pequenos aprendizes de vida, de leitura.

Vale destacar a figura das fadas nos contos, especialmente pelo carinho que as crianças lhe atribuem por ser uma figura bondosa, que procura influenciar beneficentemente o destino das pessoas.

Os contos de fadas ajudam as crianças a lidar com seus conflitos psicológicos, ao projetarem suas próprias lutas internas entre o bem e o mal, nas batalhas encenadas pelos personagens das histórias. (Betlen apud Fernandes, 2003, p. 38).

Após descobrir a magia das histórias infantis e estabelecer relações entre elas e a realidade, a criança e o jovem certamente vai querer procurar sempre novas aventuras, participar delas, adquirindo novos ensinamentos e com isto vai exercitar a imaginação e a capacidade de reflexão e com certeza será um leitor competente.

Uma literatura que trabalhasse com o pensamento mágico, como as fábulas, já existia a partir do século VII, mas a categoria infância, não. Por essa razão, não se pode dizer que sempre tenha existido uma literatura infantil ou juvenil.

Para o surgimento dessa escrita específica no referido século, foi necessário que alguém se ocupasse de recolher as narrativas existentes até então, que precisaram sofrer adaptação para o novo público. Bem mais tarde, a partir do século XVI, surgem nomes que irão se immortalizar como “compendiadores” dessas histórias. Alguns desses principais nomes: Charles Perrault, Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen.

2.1.1 Charles Perrault (1628-1703)

Autor de uma literatura popular, Charles Perrault não foi tão valorizado em seu tempo, mas apesar disto, transformou-se num dos maiores sucessos da literatura infantil no século XVII. Em sua obra, destacam-se os contos adaptados do indo-europeu e que serviram de modelo para os contos de fadas. Perrault preocupou-se em transformar os monstros e animais, a que os camponeses atribuíram poderes mágicos, em fadas. Em 1697, o escritor das crianças publicou contos da Mamã Gansa, A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borracheira e muitos outros.

O conto de fadas, como é conhecido, surge na França de fins de século XVII e tem Perrault seu precursor. A partir das narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, governantes e serpentes, ele juntou a matéria-prima para esses contos. Assim, antes de ter sido voltado para crianças, o conto de fadas originalmente criado, tendo-se em mente os leitores adultos.

Seus personagens usam seus atributos da inteligência e perspicácia para vencer a força bruta e os poderosos.

A expansão desta forma de narrativa voltada ao público infantil se deveu ao fato de que, a partir de meados do século XVII até o século XIX, fatores como a Revolução Industrial, a diminuição da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida contribuíram para o desenvolvimento da noção social de infância.

Uma vez configurada socialmente a criança, a igreja, os moralistas, os pedagogos perceberam o potencial educativo e disciplinador dos contos. Por essa razão, até hoje, o conto de fadas é visto mais como um instrumento pedagógico do que como uma arte literária.

Seus contos sempre terminavam com a famosa “moral da história”. É por causa disso que existe a expressão “estórias exemplares”: elas davam exemplos a ser seguidos (os bons) ou evitados (os maus).

2.1.2 Os irmãos Grimm

Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm dedicaram suas vidas à filosofia, ao estudo do folclore, da mitologia alemã. Foram também professores e tinham como objetivo recuperar a realidade histórica nacional, motivo pelo qual empreenderam uma pesquisa que tinha, em princípio, dois objetivos principais: o levantamento dos elementos lingüísticos para fundamentação do estudo da língua alemã e a fixação dos textos do folclore literário

germânico como expressão cultural do povo. Conta-se que eles escreviam na mesma noite as histórias que ouviam durante o dia de parentes, amigos e camponeses. Buscando encontrar origens da realidade histórica germânica, eles encontram a fantasia, o fantástico, em temas comum da época medieval, contribuindo para o surgimento de uma grande Literatura Infantil para encantar crianças de todo o mundo. São contos de encantamento, contos maravilhosos; fábulas; lendas; contos de enigma ou mistério; contos jocosos.

A presença de uma problemática simples, como apenas um núcleo dramático, é uma característica básica de tais narrativas, qualquer que fosse a espécie literária que eles escrevessem.

Durante séculos, as histórias conhecidas pelos diferentes povos eram transmitidas apenas oralmente, sendo tarefa dos mais velhos fazer passar tais narrativas de geração, para geração. Muitas dessas histórias ganhavam versões escritas pelos padres que moravam nos mosteiros. Sabedores disso, os irmãos Grimm passaram a recolher relatos em documentos antigos e a coletar contos entre a população Alemã com o objetivo de preservar as histórias tradicionais de seu tempo.

2.1.3 Hans Christian Andersen (1805-1875)

É considerado o precursor da literatura infantil. Por esse motivo, em sua data de nascimento (2 de abril), comemora-se o Dia Internacional do Livro Infante-Juvenil.

Embora entre suas histórias haja muitas que se desenrolam no mundo fantástico da imaginação, a maioria delas está presa ao cotidiano. Andersen teve a oportunidade de conhecer bem os contrastes da abundância e, ao mesmo tempo, da miséria sem horizontes, tendo ele mesmo pertencido a essa faixa social. A par de valores éticos, sociais, políticos e culturais, que regem a vida dos homens em sociedade, ele insiste, no comportamento cristão que devia nortear pensamentos e ações da humanidade para ganhar o céu.

Foi, assim, a primeira voz autenticamente romântica a contar histórias para as crianças e a sugerir-lhes padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que se organizava. Na ternura que ele demonstra em suas histórias, pelos pequenos e desvalidos, encontramos a generosidade humanista e o espírito de caridade. No confronto constante que estabelece entre o poderoso e o desprotegido, o forte e o fraco, mostrando não só a injustiça do poder explorador, como também a superioridade humana do explorado, vemos a funda consciência de que todos os homens devem ter direitos iguais.

2.2 A importância das histórias

É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias...Escuta-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai, dos avôs, contando contos de fadas, trechos da bíblia, histórias inventadas, livros atuais e curtiños, poemas sonoros e outros mais... Contados durante um dia – numa tarde de chuva – ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se prepara para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada.

Ler histórias para as crianças é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através de problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com a outra personagem (cada qual no momento que corresponde aquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para resolução delas.

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar ... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ótica. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo).

2.3 Literatura infantil, escola e desenvolvimento infantil

No século XVIII, a literatura infantil ganhava espaço, mas com cunho pedagogizante e didático: doutrinar a criança para os valores vigentes na sociedade dos adultos, formar bons hábitos e desenvolver bons sentimentos. Tanto isso é verdade, que os primeiros textos para crianças foram produzidos por pedagogos e professores. Inclusive, no Brasil, uma das primeiras produções data de 1904, de autoria de Olavo Bilac e Coelho Neto, com o título *Contos Pátrios*.

Hoje, em muitas escolas, a literatura infantil continua a ser pretexto para educar. Temos que administrar bem essa situação: por um lado, cada vez mais os pais têm delegado à escola essa função e exigido que ela eduque seus filhos. Por outro lado, o professor sabe que não pode nem deve afastar o livro. Assim resta a nós professores, procurar resgatar, na sala de aula, o lugar do livro como puro entretenimento, deleite e prazer, visando à formação do hábito. Para tanto, é importante ter em mente que a função da escola é formar modificadores da realidade e a literatura tem importante participação nisso.

2.3.1 A Literatura Infantil na escola: A representação da criança

De acordo com Regina Zilberman (2003), A utilização de personagens crianças na literatura infantil não tem a mesma idade de gêneros. Os primeiros lábios escritos para a infância continham contos de fadas, adaptações de obras destinadas a adultos, como *Robinson Crusoe* e *Viagens de Gulliver*, ou ainda narrativas moralizantes, como as de *Madame Leprince Beaumont* (mais conhecida por um conto que escapa a esta classificação: “*A Bela e a Fera*”). A modificação ocorre na segunda metade do século XIX, quando as histórias passam a ser protagonizada por meninos como *Tom Sawyer*, meninas como *Alice*, ou bonecos humanizados, imitando crianças, como *Pinóquio*. Cresce o número de obras, sendo *Alice no país das maravilhas*, *As aventuras de Huck*, *Os nenês d’água*, *As meninas exemplares*, *O Mágico de Oz*, *Peter Pan*, alguns representantes mais conhecidos dessa categoria.

A centralização da história na criança provocou outras mudanças: a ação tornou-se contemporânea, isto é, datada, e seu desdobramento apresenta o confronto entre o mundo do herói e o dos adultos. Desse modo o leitor encontra um elo visível com o texto, vendo-se representado no âmbito ficcional. A nova orientação foi bastante fértil, já que a trajetória posterior da literatura infantil demonstra inclinação ao aproveitamento do universo da criança ou de heróis que simbolizam esta condição (animais, preferentemente). O adulto não se viu

banido do texto, pois os livros de aventuras continuam a atrair o leitor juvenil; porém teve sua importância restringida no conjunto do gênero, fato que assinala a ascensão do adjetivo infantil como próprio à natureza desta modalidade literária. Decorre desse fato uma indicação de ordem metodológica: é preciso que se examine em que medida são os interesses das personagens que saem valorizados no transcorrer dos eventos narrativos, averiguando se os livros falam a linguagem de seus leitores, oferecendo a eles um ponto de orientação e entendimento diante de sua realidade existencial e do ambiente dominado pela norma adulta.

De acordo com os PCNS (1997). É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ter as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral do texto literário.

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou do sentido do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o pode ser apropriado e transgredindo pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não-verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea).

Pensar sobre a literatura a partir dessa autonomia relativa ante o real implica dizer que se está diante de um inusitado tipo de diálogo regido por jogos de aproximações e afastamentos, em que as invenções, os mecanismos ficcionais podem estar misturados a procedimentos racionalizantes, referências, indiciais do cotidiano do mundo dos homens. A questão do ensino da literatura ou da literatura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas, que matizam um tipo particular de escrita. Com isso é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizados tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.

Formar um leitor competente só pode construir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve ser organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

A leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realizar imediata. A leitura como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal.

2.4 O lugar da criança na cultura

De acordo com Fantin (2001), presenciamos certa incapacidade da escola em lidar de forma mais adequada com crianças, apesar do conhecimento teórico sobre a infância ter avançado muito nos últimos anos. A autora confirma que há evidências sobre o desaparecimento de certas práticas culturais, típicas da infância, ainda que se deva reconhecer o que é específico da fase infantil em diferentes países – seu poder imaginativo, a fantasia e o potencial de criatividade – entendendo a criança como um ser que produz cultura.

Para a autora mencionada anteriormente, as mudanças da sociedade contemporânea estão levando à desagregação da idéia de infância e da educação como formação e experiência cultural. Em seus estudos ela formula três questionamentos básicos:

- Qual o papel das produções culturais infantis na constituição do ser da criança?
- Como as produções culturais têm atuado para ensinar o mundo às crianças?
- Como os espaços de brincar, ler, ver e contemplar, bem como espaços da mídia, cinema, tv, biblioteca, museus, parques etc. assumem sua responsabilidade social, de modo a contribuir com outra perspectiva de infância?

Esses questionamentos levam ao reconhecimento de que tanto a criança tem um lugar na cultura, que é fundamental investigar o que as crianças pensam dessas produções culturais e discutir o papel que desempenham na educação.

Fantin afirma:

[...] cabe à escola, aos professores mediadores de cultura e aos diferentes espaços de produção cultural, não só possibilitar, desenvolver e promover, instigar o pensamento divergente e suas contradições, a sensibilidade, a busca de significado, a construção de novas relações.(Fantin. 2001, p.79).

Entende-se como produções culturais os brinquedos, livros, revistas musicas, teatro, cinema, programas de tv e filmes voltados para o público infantil.

3 INFLUÊNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO

Se perguntarmos a qualquer educador – pai, professor, orientador de ensino etc. – Sobre o que pretende quando leva o livro à infância, a resposta será sempre a mesma: queremos criar nos pequenos o hábito de ler. Em outras palavras, pretendemos que crianças e jovens tenham, pela vida afora, a literatura como forma de enriquecimento.

Sabemos que a leitura é uma forma altamente ativa de lazer. Em vez de propiciar, sobretudo repouso alienação (daí, a massificação), como ocorre com formas passivas de lazer, a leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do receptor – leitor. Seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer – aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo. A literatura teria papel relevante nesse aspecto.

Mas cabe-nos interrogar por que apesar do empenho dos educadores, nossas crianças e jovens lêem tão pouco. Não acreditamos que a responsabilidade caiba só a uma política infeliz de educação no Brasil (lembramos que a “crise de leitura” não é só brasileira) e a uma distribuição injusta de renda. (CUNHA, 1997, p.47-48).

Também parece injusto culpar os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, por esse estado de coisas. Com efeito, a comunicação de massa é eficiente para seus fins, e tem feito seus adeptos. Mas, se esses adeptos estão sendo retirados do contingente de leitores potenciais, talvez devêssemos confessar que nosso trabalho como “fazedores de leitores” não têm sido muito brilhantes.

Dizer que a televisão não exige esforços do receptor, ao contrario do livro, pode ser uma verdade. Mas concluir que, por isso, a criança vai dispensar o livro parece-nos, no mínimo, simplista: temos visto crianças se empenharem, com grande atenção e esforço mental, em alguns brinquedos ou atividades de seu interesse.

Parece que nós, adultos em geral, nos relacionamos mal com o livro (especialmente o de leitura) e que o temos explorado mal, quando o levamos à criança ou ao jovem.

Argumentar com a falta de tempo e o cansaço para justificar a pouca (ou nenhuma) leitura é desconhecer que exatamente o cansaço nos obriga a criar um tempo para o descanso, para o lazer. E esse tempo é realmente criado por todos, só que não é ocupado com a literatura.

Mereceria pouca confiança o professor ou o bibliotecário que não conhecesse um de seus instrumentos básicos de trabalho. Mas como a maioria dos adultos também não dá maior importância ao livro, a desconfiança não existe em escala significativa.

A idéia de que a literatura vai fazer um bem à criança ou ao jovem leva-nos a obrigá-los a ler, como lhes impomos a colher de remédio, a injeção, a escova de dente, a escola. Assim, é comum o menino sentir-se coagido, tendo de ler uma obra que não lhe diz nada.

Leitor competente é alguém que por conta própria é capaz de selecionar, entre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua e que consegue utilizar estratégias de leituras adequadas para abordá-las de forma a atender esta necessidade. (PCN, 1997, p. 54)

A literatura infanto-juvenil é antes de tudo um excelente meio de educação a ser explorado. Bom seria se todos os educadores fizessem uso dela para despertar o gosto pela leitura, caminho que leva a autoconscientização, a conscientização crítica, histórica e cultural, condições essenciais para o exercício da cidadania.

Conforme afirma Carvalho (2004, p. 20) “o ato de ler é fundamentalmente um ato de conhecimento”. Ao desenvolver o gosto pela leitura praticando-a e utilizando-a constantemente, uma pessoa tem nas mãos a chave para o conhecimento, o que a leva à conscientização dos seus direitos e deveres. A leitura oferece ferramentas para o exercício consciente da cidadania, daí que a escola deve preocupar-se não só com a decodificação de sons e letras e sim com a formação de leitores, de fato.

3.1 O trabalho da família (estímulo à leitura)

É comum na maioria das famílias o acesso por via oral às histórias infantis. É importante que as famílias tenham a percepção de que a prática da leitura, ou ouvir histórias deve ser iniciado para as crianças desde o momento do seu nascimento quando ela começa a sentir sensações referentes ao ambiente em que ela se encontra e sua vida inteira poderá ser reflexo destas primeiras descobertas, das suas primeiras leituras de mundo. Concordo com (GARCEZ. 2003, p. 58), quando diz que “a literatura é um dos recursos mais encantadores no processo educacional”.

Essa suposição de que a criança não se interessa pelo livro é apenas o reflexo do próprio desinteresse do adulto por tal objeto.

A experiência cada vez mais tem-nos dado ótimas oportunidades de ver que, no princípio de sua vida, a criança vê o livro como um brinquedo – e não menos interessante do que os outros. Alguma coisa de mágico e encantador envolve o decifrar do desenho das palavras – e a criança ama decifrar esses mistérios. E cada vez mais nos surpreendemos com a enorme diversificação das crianças, com relação ao que preferem ler: literatura, livros informativos, enciclopédias, revistas etc. A atitude prosaica e desencadeadora do adulto é que vai aos poucos minando a ligação entre crianças e livro.

É certo que a criança não nasce amando ou odiando livros, o ambiente e, sobretudo o familiar e o escolar é que desenvolve nela o sentimento negativo ou positivo com relação aos livros, à leitura da palavra. É importante que o livro seja colocado na vida da criança naturalmente.

Quando a criança se envolve com o livro da literatura com a mesma tranquilidade, espontaneidade e liberdade com que utiliza e participa de outros brinquedos e experiência, ela neste momento, está descobrindo um prazer para vida.

A literatura infantil desenvolve a imaginação o que propicia ao aluno desenvolver diversas capacidades como a de interação com o mundo, ampliando seus horizontes, enriquecendo seu vocabulário e a capacidade de argumentar, criticar e defender pontos de vista. Daí a importância de formar leitores, pois é um meio de inseri-lo na cultura letrada, condição essencial para se viver bem no mundo onde a leitura da palavra é ponto importante para a sobrevivência em todos os sentidos.

3.2 O trabalho da escola

Nos últimos anos tem aumentado consideravelmente as exigências sociais quanto à participação ativa dos indivíduos na sociedade comunicando-se informando-se e posicionando-se com clareza, com criticidade e de maneira positiva nas várias situações do seu cotidiano.

A função social da escola é formar sujeitos que tenham desenvolvidas essa criticidade, autonomia e segurança de forma bem alicerçada para que ele seja de fato um cidadão atuante na sociedade em que vive. A leitura é um dos meios mais eficazes para que ao aluno consiga isto. Ela se constitui numa forma de integração do homem com o meio e consigo mesmo, ela o insere no mundo letrado e isto propicia a satisfação pessoal bem como o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais.

A realidade hoje nas escolas, ainda não mostra a preocupação com relação à leitura como fonte de conhecimentos que seguirão com o aluno pela vida inteira e por ele, lembrada como atitudes que proporcionaram prazer e conseqüentemente aprendizagem. Ainda é muito cobrada a leitura obrigatória, com fins puramente didáticos.

A leitura é um processo complexo e abrangente de decodificação de signos, de compreensão e inteligência do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção. É um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, objetivos, intenções, ações e motivações. (GARCEZ, 2003, p. 82).

Está claro que para formar leitores não basta ensinar os códigos da leitura e da escrita, como relacionar sons às letras. É papel do professor trabalhar para tornar o aluno capaz de compreender o significado de suas aprendizagens, refletindo sobre elas para usá-las no seu dia-a-dia, de forma a atender suas necessidades.

A aprendizagem da leitura fundamental exige desenvolvimento e treino de muitas habilidades de linguagem oral, como vocabulário oral e formação de vários conceitos, para que a leitura seja significativa e possa a criança associar o sentido ao símbolo e à estrutura escrita.

Ensinar a ler é uma das grandes tarefas do professor, porque a leitura esta estritamente ligada ao desenvolvimento total do individuo, ao sucesso escolar, ao aproveitamento das horas de lazer, aos ajustamentos sucessivos à vida de todos os dias.

O desenvolvimento intelectual, emocional e social de uma pessoa, suas atitudes, apreciações e ideais têm muito em comum com a leitura.

Ler é um processo de ensino, sujeito às leis da aprendizagem. O ato ou processo da leitura é bastante complexo.

Um bom professor tem em mente que o objetivo Maximo de processo ensino-aprendizagem de leitura é a habilidade de compreensão.

Há diversas habilidades essenciais ao desenvolvimento da compreensão como: a habilidade de identificar a idéia principal; de perceber a relação entre os fatos; de resumir, de encontrar detalhes isolados e relaciona-los; de apreciação e avaliação do material lido, etc.

A linguagem é um instrumento de aprendizagem, necessária a todas as disciplinas e ao desenvolvimento integral da pessoa humana.

As crianças aprendem ouvindo, falando, lendo e escrevendo, numa participação ativa de todas as horas, dentro ou fora da escola.

A criança que fala, que escreve, que ouve, que lê, cresce socialmente pela segurança que adquire na inter-relação com seus semelhantes. Enriquece experiências desenvolve o poder criador e o gosto estético, realiza-se, amplia seu mundo penetrando em outros diferentes.

O ouvir, falar, ler e escrever são aspectos de comunicação – alma da linguagem.

Todos eles utilizam os mesmos símbolos – as palavras- a mesma organização de idéias em parágrafos, em unidades de pensamento, cada vez maiores.

Cabe à escola e ao professor, então, corrigir e melhorar o padrão de linguagem de seus alunos.

Atividades interessantes e variadas de audição e linguagem oral deverão ser desenvolvidas, concorrer para o aprimoramento de estruturas mais corretas, ganhando-se sensibilidades para as formas belas e harmoniosas, enriquecendo-se o vocabulário de novas expressões e palavras, habilidades essas que se transferem para a produção escrita.

A produção escrita é uma atividade que pressupõe boa linguagem oral. A produção escrita deve, ainda, ser uma atividade com função social. Aprende-se a escrever em situação de necessidade real.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir do que está buscando nele, do conhecimento que já possui a respeito do assunto, do autor, e do que sabe sobre a língua – características do gênero, do portador, do sistema de escrita... ninguém pode extrair informações do texto decodificando letra por letra, palavra por palavra. A leitura fluente envolve uma série de outras estratégias, isto é, de recursos para construir significado, sem elas, não é possível alcançar rapidez e proficiência.

A escola deve procurar viabilizar o acesso do aluno ao universo dos livros e dos textos em geral, de forma planejada, estimulante prazerosa num ambiente que valorize realmente não só a leitura da palavra, mas as leituras de um mundo também. Segundo Paulo Freire (1982, p. 11) “a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquela”.

Quando a criança chega à escola, ela já conhece as diversas linguagens presentes no seu dia-a-dia. Já construiu alguns gêneros de discurso orais na família e na comunidade, já realiza muitas leituras de mundo. Cabe à escola valorizar e ampliar todas estas experiências que a criança traz e tomá-las como ponto de partida para as aprendizagens formais ou sistematizadas, procurando amenizar os possíveis choques provocados na criança quando do acesso às leituras da palavra.

3.2.1 Como a literatura pode contribuir em sala de aula

A- Despertar na criança o interesse pela leitura;

B- Desenvolver as habilidades de compreensão:

- Apanhar a idéia principal;
- Perceber a seqüência dos fatos;
- Antecipar idéias;
- Inferir e tirar conclusões;
- Observar pormenores;

C- Desenvolver as habilidades de leitura oral:

- Pronúncia;
- Articulação;
- Pontuação correta;
- Postura;
- Cuidado com o livro;

D- Desenvolver as habilidades de avaliação na qualidade da leitura oral;

E- Levar as crianças ao enriquecimento do vocabulário:

- Reconhecendo e fixando o vocabulário em quaisquer situações de leitura;
- Desenvolvendo a leitura de orações e período cada vez maiores;
- Promovendo o enriquecimento do vocabulário através de várias atividades;

F- Desenvolver nas crianças o gosto e a apreciação pela leitura de conteúdos literários:

- Vivendo trechos literários através de expressões dramáticas;
- Comentando obras lidas;
- Compreendendo certos valores universais;

G- Desenvolver a prontidão para leituras específicas.

4 LITERATURA INFANTIL: LIVRO, LEITURA, LEITOR

De acordo com Regina Zilberman (1990), no conjunto das produções culturais com que a criança lida, é a literatura infantil a que apresenta a situação mais completa e perturbadora. Constata-se, de um lado, uma inquietação generalizada relativamente à falta de sintonia entre o leitor mirim e o livro. E, de outro, assiste-se a um crescimento inusitado no número de obras dirigidas à infância e juventude, assim como a eclosão de um respeitável elenco de novos escritores. Decorre deste último fato uma substancial reutilização do gênero no país, processo ao qual se alia o apelo de entidades públicas e privadas à comunidade, para que participe deste esforço coletivo, motivando-se pais e professores ao conhecimento, aquisição e divulgação deste acervo literário recentemente reativado. Entretanto, o primeiro fenômeno mencionado lança uma sombra de preocupação nestas mesmas pessoas; e, no transcurso da investigação dos culpados pela não-leitura, aparecem, de modo mais ou menos latente, os eventuais responsáveis, convertidos em inimigos da literatura: a televisão, a revista em quadrinhos e até a música pop, disputando uma preferência que, segundo o bom senso dos adultos, deveria ser concebido ao livro.

No que diz respeito à literatura infantil, o problema se intensifica, porque é avaliado a partir dos agravantes que desencadeia, seu resultado sendo qualificado como prejudicial ao indivíduo, especialmente quando se trata de uma criança. Valorizar o gênero em pauta representa, portanto, não apenas discutir uma espécie possível dentre o leque de manifestações com a palavra, mas principalmente oferecer condições e soluções para impedir o avanço irreparável de massas. Atribuindo-se à literatura esta função protetora, é-lhe concebida uma validação suplementar, proveniente, todavia, dos efeitos que pode despertar: uma defesa segura contra a invasão e os malefícios da indústria cultural e a consolidação de saudáveis hábitos intelectuais, como o de leitura.

Parece evidente que a literatura infantil somente consegue obter seu prestígio do desprestígio das demais formas de cultura com as quais a criança se envolve, sobretudo quando estas se difundem por intermédio dos instrumentos massivos de comunicação. Além disso, a causa do prestígio alcançado, sendo ainda utilitária e interesseira, impede que conquiste uma autêntica dignidade que a reúna à cultura erudita, aquela que é veiculada pela universidade e que se perpetua através dos canais acadêmicos. As razões de sua validade são as mesmas que a condenam, permanecendo o gênero numa zona intermediária, espécie de

purgatório do qual não se liberta, porque não lhe é outorgado o mesmo tipo de reconhecimento com que conta à literatura absorvida pelo adulto aquela a que todos chegam, se for bem sucedido o empenho cultural durante a infância.

Não se pode reivindicar uma reflexão diferenciada sobre natureza da literatura infantil e da leitura, superando os prejuízos apontados, se não se examina a inserção histórica do tema. Desde sua origem, o gênero em discussão foi concebido como uma forma menor, atrelado aos destinos da escola e a uma ideologia familista que deitava raízes. Por outro lado, emergindo no bojo do mesmo fenômeno que propiciou a expansão da cultura de massas, não disputava com as outras espécies um *status* particular, já que a prática da leitura não era investida de uma distinção superior, nem considerada a salvaguarda da tradição. A permanência de alguns papéis e a transformação de outros são os fatores que demandam e explicam a exposição histórica.

Se a aprendizagem da leitura responde a interesses vários, a escolarização das crianças é o que faz exequível, desde a época de que se aqui. Porém a escola se tornou obrigatória apenas tardiamente, pois, no início, as condições de ensino eram bastante precárias, dependendo de iniciativas particulares. Esta era viável quando se tratava de educar crianças oriundas de meios mais endinheirados, mas carecia de eficácia nos ambientes pobres. Em tais áreas, os pais preferiam ver os filhos trabalhando, para colaborar no orçamento familiar, e os industrialistas não se constrangiam em empregar esta mão-de-obra barata, embora menos qualificada e mais precível.

É pelo exercício do ato de ler que se singulariza o leitor, e este se torna tanto mais saliente, quanto mais pessoal for seu procedimento no desempenho daquela atividade. Todavia, esta não transcorre de modo espontâneo, nem ingênuo ou natural, já que cada pessoa carrega consigo os juízes que introjetou ao longo de sua formação, para a qual contribuiu decisivamente a escola, pois foi ela que o converteu num leitor. De sua educação e interação social, resulta um horizonte cognitivo e histórico, que lhe permite a circulação no meio e a decodificação de seu contorno, mas que na verdade o domina. É nesta medida que a ação de ler pode dar razão à vocação de que se falou anteriormente, estimulada pela natureza contestadora no âmbito estético e temático incorporada em cada criação individualmente.

A literatura infantil, mais que qualquer outro gênero literário, é sensível às contradições experimentadas pela leitura. A infância ela não pode ser objeto de uma reflexão, sem que se faça alusão ao leitor. Este por sua vez, é invocado não apenas quando do consumo do livro, sua presença é antecipada ainda no momento da produção. Cada criação individual

ainda no momento da produção. Cada criação individual suscita uma adequação, pois parte do autor, da escrita às particularidades existenciais e cognitivas da criança.

Conforme Regina Zilberman (1990), a escola é a instituição encarregada da alfabetização da criança; entretanto, os meios para a difusão da leitura provém de um setor mais amplo: dizem respeito ao conjunto de uma política de leitura, que transcorre preferencialmente na escola, mas resulta de um posicionamento de toda a sociedade.

Um segundo pólo é representado por outra instituição, a família, que igualmente explicita por intermédio de sua atividade a política cultural que exerce, restrita esta, é certo, ao âmbito doméstico.

De acordo com Jonathan Culler (1999), a literatura é vista como um tipo especial de escrita que, argumenta-se, poderia civilizar não apenas as classes mais baixas mas também os aristocratas e as classes médias. Essa visão da literatura como um objeto estético que poderia tornar “pessoas melhores” se vincula a uma certa idéia do sujeito, o qual os teóricos passaram a chamar de “sujeito liberal”, o indivíduo definido não por uma subjetividade individual (racionalidade e moralidade). A literatura faz isso – afirma o argumento –, encorajando a consideração de complexidades sem uma corrida ao julgamento, envolvendo a mente em questão ética, induzindo os leitores a examinar a conduta (inclusive a sua própria).

A literatura encoraja a leitura as reflexões solitárias como modo se ocupar o mundo e, dessa forma se opõe às atividades sociais políticas que poderiam produzir mudança.

Na visão deste teórico, refletir sobre a literatura é manter diante de nós, como recursos de análise desses discursos, práticas de leitura trazidas à luz pela literatura.

A “literatura é uma etiqueta institucional que nos dá motivo para esperar que os resultados dos nossos esforços de leitura valham a pena”.(CULLER,1999. p. 32).

A obra literária é um evento lingüístico que projeta um mundo ficcional que inclui falante, atores, acontecimentos e um público implícito.

Através da leitura de contos, histórias, lendas, fábulas, a criança tem acesso a diferentes mundos, idéias e conhecimentos.

Segundo Antônio Cândido (1992), a literatura é a forma mais alta e sistematizada de elaboração da fantasia. Através dela as crianças partilham com os colegas a leitura de uma obra ou suas impressões sobre um tema lido, discutem sobre o autor, se o texto foi bem elaborado, dar opiniões e como poderia ficar melhor. A leitura compreende várias fases de desenvolvimentos. Antes de mais nada é um processo perceptivo durante o qual se reconhecem símbolos, e em seguida, ocorre a transferência para conceitos intelectuais.

4.1 Como surgiu o livro

O livro apareceu pela primeira vez na China e Coréia, dois mil anos antes de Cristo. Era feito com folhas de palmeiras, tábuas de madeira polida, folhas de seda e papel.

Os livros antigos eram em forma de rolos e escritos só de um lado. Depois, apareceu o pergaminho – pele de carneiro, ovelha ou cordeiro. Só no século VIII depois de Cristo é que foi inventado o papel, na China.

Johann Gutenberg foi quem inventou um jeito de imprimir a escrita, e o primeiro livro a ser impresso foi a Bíblia.

No Brasil, a impressão de livros começou em 13 de maio de 1808, por Dom João VI.

No dia 13 de maio de 1811, foi fundada a Biblioteca Nacional.

4.1.1 A relação do adulto com a leitura

Em nosso contato diário, por exemplo, com o adulto empenhado em fazer da criança um grande leitor, tem nos preocupado a consciência pouco clara desse adulto sobre sua própria relação com o livro e sobre a importância do hábito de ler.

Para tentar demonstrar isso, permitam-nos apresentar algumas situações que vivemos com muita frequência:

- É extremamente comum o adulto argumentar que lê pouco (ou não lê) por absoluta falta de tempo, ou que só lê aquilo que tem ligação direta com a sua profissão.
- É constante a afirmação feita pelo adulto de que o cansaço impede qualquer leitura, ao fim de um dia de trabalho.
- Frequentemente, o adulto confessa que não tem sua própria biblioteca e que raramente vai a uma delas, ou a livrarias.
- O adulto impinge à criança determinada leitura, na suposição de que, por conta própria, ela não chegará ao livro.
- É cada vez mais frequente a utilização de jogos e outras atividades para fazer o aluno se interessar pela leitura de determinada obra literária.
- É por demais conhecida a incrível reação dos adultos ao preço do livro (de literatura em especial), enquanto brinquedos, de utilidade ou utilização menor, ou outros produtos supérfluos são adquiridos sem qualquer queixa.

Todos esses comportamentos dos adultos evidenciam um fato de que não tomamos consciência ou que nos recusamos a admitir: o papel muitas vezes secundário e sempre pouco agradável que o livro cumpre em nossa vida.

Se analisarmos cada caso apresentado, veremos que eles escondem esse ponto crucial.

Argumentar com a falta de tempo e o cansaço para justificar a pouca (ou nenhuma) leitura é desconhecer que exatamente o cansaço nos obriga a criar um tempo para o descanso, para o lazer. E esse tempo é realmente criado por todos, só que não é ocupado com a leitura. Quer dizer: o livro (sobretudo o de literatura) não é uma opção de lazer, não significa prazer para o adulto.

4.2 Desejando o Livro – A essência da literatura

Em 1697, ao publicar seu livro de contos, *Histoires ou Contes du Temps Passé avec des Moralités*, Charles Perrault (católico convicto, membro da Academia Francesa, advogado da corte do Rei-sol), com uma explícita intenção pedagógica: incutir nos pequenos leitores princípios morais.

Mas que criança é essa que recebe, nesse momento, tantas atenções, a ponto de ser presenteada com um novo gênero? Ou, melhor dizendo, qual o ideal de criança dessa época?

Para responder a essa questão, Philippe Áries que, em *Historia Social da Criança e da Família*, oferece um painel cuidadoso da evolução do sentimento da Infância e da Família desde a Idade Média, ressaltando principalmente as mudanças ocorridas a partir da Idade Moderna. O ponto de partida de suas considerações é a constatação de que não existia particularização da infância na civilização medieval. Assim que podiam dispensar os cuidados da mãe ou da ama, as crianças ingressavam na sociedade dos adultos, misturando-se a eles. Não havia trajes específicos para elas, tampouco diversões diferenciadas. Todas se distraíam e trabalhavam juntas, uma vez que os mais novos não freqüentavam regularmente a escola, que era destinada a um pequeno número de clérigos, jovens ou velhos. Não existia, pois uma distinção entre o mundo da criança e o mundo adulto.

Pouco a pouco, no entanto, uma grande mudança de costumes, decorrente de transformações política, econômicas, sociais e religiosas, altera substancialmente esse estado de coisa. E as crianças acabam por ser descobertas e particularizadas.

No século XVII, dois aspectos se destacam, pois, em relação à infância: a inocência a ser resguardada, e ignorância e irracionalidade a serem abolidas.

No dizer de Áries, a criança separada dos mais velhos (para se isolar de uma sociedade “suja” e dos perigos do “sexo”), passa a ser mantida numa espécie de “quarentena”, antes de ser solta no mundo:

Essa quarentena foi à escola, o colégio começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como loucos, dos pobres e das prostitutas), que se estenderia até os nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização.

Esse rígido adestramento sofrido sobre pelas crianças visa, em última instância, a transformar seres “frágeis” e imperfeitos em adultos íntegros e “normais”, sempre dentro dos padrões de moralidade e normalidade estipulados pela igreja e pelas incipientes pesquisas psicopedagógicas.

É para essa criança que é inventada a literatura infantil: uma criança considerada inocente, pura (assexuada?), ingênua, frágil, débil, ignorante, dependente, incapaz, irracional, inferior, imperfeita. Criança que precisa ser moldada pelos velhos, preparada “adequadamente” para a vida.

Hoje, passados quase trezentos anos do surgimento da literatura infantil, como conceberíamos a criança? Seria ela vista, ainda como um ser incapaz, débil, irracional? As obras que lhe são oferecidas diferem muito dos primeiros textos escritos para a infância?

É bem verdade que muita coisa mudou desde então. Além de alguns exemplos solitários, mas décadas de 20 à 30, surgiram no Brasil, sobre tudo a partir da década e 70, obras questionadoras e instigantes rotuladas de “infantis”. Mas e as outras tantas produções que inundaram o mercado editorial brasileiro a cada ano? Seriam de fotos “literárias” ou manteria a mesma feição e o mesmo objetivo pedagógico dos textos produzidos no final do século XVII e o início do XVIII?

Essas considerações propõem à reflexão um segundo ponto: quais seriam os ingredientes para que um livro seja considerado uma obra de literatura?

Apesar de todos os esforços teóricos, esta não é uma questão de fácil resposta! Haveria uma literariedade independente de qualquer leitura, considerando-se a obra fechada em si mesma, desvinculada de outros textos?

Barthes, em um e seus mais importantes ensaios sobre leitura, “Escrever a Leitura”, problematiza essa idéia, já em 1970. “O texto, apenas o texto, dizem-nos, mas apenas o texto, isso não existe”. Para ele, há em todo texto um suplemento de sentido, que é dado pelo leitor. Em sua leitura, o leitor amplia o sentido da obra original, reinventando-a a partir da sua subjetividade.

Mas é o próprio Barthes quem propõe, alguns anos mais tarde, uma forma instigante de conceber a leitura:

Entendo por literatura não um corpo ou uma seqüência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela vivo, portanto, essencialmente, o texto, isso é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. (BARTHES, 1976. p. 27).

Essas colocações de Barthes nos introduzem na dimensão do jogo, de uma encenação. Textos resgatam outros textos, reinventando-os sem cessar. “Porque [a literatura] encena a linguagem em vez e, simplesmente, utilizá-la, [ela] engrena o saber, reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático”.

Esse jogo é a “continuação e o substituto” de um jogo bastante específico: a brincadeira infantil de antigamente. Os primeiros traços da atividade literária se encontrariam, pois, na infância: “Cada criança que brinca se comporta como um poeta, na medida que cria um mundo próprio, ou melhor, organiza os elementos de seu mundo seguindo uma ordem nova”.

Trata-se de uma encenação, de um trabalho e invenção, em que gozo e o prazer se alteram. Um recrear, que é ao mesmo tempo um recriar incessante. Assim a literatura deve se constituir num jogo instigante, que proporcione as mais diversas recriações e prazeres não programados.

4.2.1 Literatura e Criança

Sabe-se que as relações do homem com os objetos culturais são constituídas em consonância com seu modo de estar no mundo.

Cabe a educação o papel e garantir a permanência da organização social através da transmissão de regras que a constituem. Como a educação se realiza na linguagem, o processo de apropriação do código escrito como objeto de conhecimento leva a criança a internalizar papéis, funções e posições sociais, a aprender modos de agir e de pensar, e aprender modos de agir e de pensar, a ler e aprender procedimentos implícitos que, embora não ensinados, são internalizados no jogo interativo das relações interpessoais. Porém, a estruturação formal do código provoca o afastamento e, por vez, a negação de uma riqueza imensa de um costume

que permanece abafada, pedida, desvalorizada pela imposição de um saber normativo que se sobrepõe a todas as vivências que a criança experimenta anteriormente à sua aquisição. Além disso, orientando-se pelo direcionamento da criança na decodificação do mundo que a circunda, esse processo a restringe à condição e receptora, ignorando a capacidade de produzir sentidos outros, diversos daqueles que lhe são prescritos.

A abordagem de textos escritos por crianças serve de suporte a uma leitura que procura evidenciar o imaginário da criança a partir da fala dela própria.

Cabe à escola oferecer aos alunos condições apropriadas para que desenvolvam habilidades intelectuais e tenham acesso pleno à cultura universal. A leitura, neste sentido, é instrumento e não fim, e mesmo considerando-se que se trata de um instrumento fundamental nas sociedades letradas, não é o único, particularmente num conteúdo histórico em que os meios eletrônicos contribuem de forma decisiva para o processo de “reoralização”, de modo que pelo menos parte do conhecimento necessário para que o indivíduo se realize e produza se adquira independentemente do acesso ao livro ou outros portadores de texto.

4.3 Imaginação e Leitura

Os conteúdos expressivos e simbólicos da literatura contêm uma quantidade de argumentos, sobre os quais a imaginação deverá operar e estimular, na criança, uma reelaboração criativa, onde poderá combinar os dados de sua experiência, no sentido de construir um novo real, correspondente às suas curiosidades e necessidades.

A literatura tem como objetivo não só um contato afetivo, o desenvolvimento da linguagem, da lógica, da estética, mas principalmente a liberação da criatividade, da imaginação, da fantasia. Exatamente porque a imaginação trabalha com materiais colhidos na realidade, é preciso que a criança possa nutrir sua imaginação e aplicá-la em atividades adequadas, que lhe reforcem a estrutura, para crescer em um ambiente rico de impulsos em todas as direções.

A literatura é a base e toda uma estrutura de formação educacional. Através de uma percepção criativa, a criança será capaz de romper continuamente os esquemas de sua experiência e formar juízos autônomos (dos pais, do professor, da sociedade). Mas, hoje, vemos todo esse conteúdo humano ser substituído pela informação de imprensa, pela comunicação de massa. O seu receptor é um ser desmemoriado. Recebe um excesso de informações que saturam sua fonte de conhecer. Esquecerá estas histórias atulhadas de objeto sem sentido e despovoadas de memória, pouco tempo depois.

A educação autoritária não tem nenhum interesse em privilegiar a imaginação e a criatividade, pois isso seria uma arma eficaz para derrubar sua própria estrutura. Não é, portanto de se admirar que a “imaginação” nas escolas seja tratada em desvantagem com a “atenção” e a “memorização” e que recordar escrupulosamente constitua a característica de modelo escolar, o mais cômodo e maleável, mantendo uma relação de poder desigual, existente em nossa sociedade, entre o adulto e a criança.

Isso também acontece, muitas vezes, dentro das histórias, onde a fantasia se limita a um quadro permitindo pelo poder, em que os personagens estão condicionados a um aprendizado e a uma moral ditadas e moldadas pelo adulto. À criança, caberá tão somente absorver as informações, sem mais discussões, podendo agir livremente e de preferência com entusiasmo, mas nos limites fixados pelo adulto. Duvidar do poder também é proibido. O mundo das histórias, ainda que borbulhante, não apresenta tensões que colocariam os personagens em dúvida quanto a valores estabelecidos. Estão vacinados contra a ambigüidade e contradições inerentes à condição humana.

Através da literatura podemos estimular a imaginação da criança com jogos, brincadeiras, histórias que provoquem alguma reação, agitando imagens, recordações, analogias e significados, que toquem a sua experiência e memória, intervindo em sua capacidade de aceitar e rejeitar, relacionar e censurar, construir e destruir. É criatividade uma mente que trabalha, que sempre faz perguntas descobre problemas onde outros encontraram respostas satisfatórias, que recusa o codificado e remanuseia abjetos e conceitos sem se deixar inibir pelo conformismo.

A literatura é uma forma artística de comunicação e não visa apenas transmitir o fato, ela tece o acontecido, transforma-o, dando-lhe um traje mágico e emocional, tornando-o sadio e atraente para o engajamento da criança nele.

Na criança ou no adulto o inconsciente é um determinante poderoso do comportamento. Quando o inconsciente está reprimido e nega-se a entrada de seu conteúdo na consciência, a mente será parcialmente sobrepujada pelos derivativos destes elementos inconscientes, ou então, será forçada a manter um controle de tal forma rígida e compulsiva sobre eles, que a personalidade poderá ficar gravemente mutilada. Mas, quando o material inconsciente tem um certo grau ou permissão de vir à tona e ser trabalhado na imaginação, isto poderá liberar preciosas energias humanas capazes de gerar amplas doses de poder e iniciativa.

Com algumas crianças teremos sorte, se nossa ajuda (como autores, ilustradores, educadores) lhe permitir o pleno uso de símbolos, a semelhança e a brincadeira, serem criativas e

maneira satisfatória. Dessa forma as crianças não serão apenas “consumidores” de cultura e de valores, mas criadoras de valores culturais.

4.4 Comprometimento emocional do leitor com o livro

O contato com os livros deve ser o mais cedo possível, não só pelo manuseio (livro ao alcance das crianças) como pela história contada, pela conversa (diálogo mãe-filho) ou jogos rítmicos.

Devemos, portanto, além da orientação do professor através de palavras que estimulam, acrescentar o objetivo de fazer amar a leitura, para que o leitor se sinta o protagonista de seu aprendizado.

Sabemos que o desenvolvimento harmonioso em todos os sentidos da personalidade infantil exige, desde a idade pré-escolar, a criação do entrosamento entre a teoria e a prática.

É com o auxílio de livro e particularmente do livro infantil que poderemos influir sobre a vida afetiva e estética da criança: o livro infantil ocupa lugar privilegiado. Pois é o ponto de encontro entre duas artes, a da palavra e a forma, isto é, o texto e sua ilustração. O texto revela a imagem e a imagem revela o texto.

Muitos de nós fomos influenciados por um livro quando crianças. O livro traz o conhecimento do mundo, do homem, das coisas, da natureza, do progresso das ciências e das técnicas. Os livros podem nos dizer, auxiliam na aprendizagem do mundo e formam o leitor.

O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico no gosto. Formar o gosto, possibilitar escolhas são fundamentais na vida adulta.

De acordo com Rudo Moric: A literatura constitui uma arte, mas também representa um meio de educar o jovem leitor, desenvolver sua percepção estética do mundo, reafirmar suas qualidades, revelar sua inteligência, sua concepção do mundo, suas idéias, seu gosto.

Educar é preparar para a vida, portanto é importante ajudar o jovem a obter maior clareza da mente e enriquecimento da sensibilidade.

Além desse aspecto essencial, o desenvolvimento da leitura entre as crianças resultara em um enriquecimento progressivo no campo racial, no da cultura e da linguagem.

O exercício da mente do espírito aguça a inteligência, refletindo no pensamento lógico e seu sentido prático, no equilíbrio para harmonizar realidade e irreabilidade, na capacidade de imaginação e fantasia, na lucidez, originalidade, poder de observação e captação do fundamental.

Podemos dizer que a leitura é a melhor ginástica para a mente. Ela capacitará o melhor uso inteligente e de interação das potências mentais e espirituais. Enriquecimento progressivo de meios de expressão em língua escrita. Maior capacidade para reproduzir e avaliar situações; capacidades de graduar matrizes e atitudes.

Enriquecimento de vocabulários, uso correto das palavras, o que evidentemente implicará em maior clareza de redação. A leitura variada e rica levará ao aprofundamento dos conhecimentos que permitirão melhor apreciação do mundo real e de seus valores culturais. Oportunidade de pensar o mundo e conhecer seus problemas, nos quais serão logo chamados a opinar.

O livro só cumpre o ciclo completo de seu destino quando cada leitor o torna seu, o assimila, o objetivo é viver as sugestões que ele provoca.

4.5 Literatura também informa

Querer saber de todo o processo que acontece, do nascimento até a morte, faz parte da curiosidade natural da criança, pois se trata da vida em geral e da sua própria em particular... Saber sobre o seu corpo, sua sexualidade, seus problemas de crescimento, sua relação com os outros faz parte do se perguntar sobre si mesma e do precisar encontrar respostas... Querer discutir relações familiares fáceis/ difíceis/ conflituadas/ simpaticonas etc., e até a nova estrutura das famílias – nestas décadas onde há tantos casamentos desfeitos e refeitos – faz parte do repertório indagativo e questionador de toda pessoa.

A criança, dependendo de seu momento, de sua experiência, de sua vivência, de suas dúvidas, pode estar interessada em ler sobre qualquer assunto... A questão é saber como o tema é abordado: se sem medo, sem reservas, sem fugir das questões principais... Que colocando num parágrafo, cheio de evasivas, mil explicações, às vezes até confusas, não dando nem tempo para que a criança – leitora pense, elabore, resolva, se identifique, concorde, discorde, critique, negue etc., a forma como cada questão está sendo explicada / proposta/ vivida/ resolvida/ lidada.

Estamos falando de literatura, de ficção de histórias, onde se aborda um – ou vários problemas – que a criança pode estar atravessando ou pelo qual pode estar se interessando... Onde ele flui natural e límpido, dentro da narrativa que evidentemente não tratará apenas disso.

E para encarar um dos assuntos da chamada realidade, não é necessário que a linguagem do autor seja realista. Pode até ser, mas não é obrigatório... Pode ser crua, dura; mas também pode ser poética, suave, tristonha, como pode ser humana, divertida, irônica.

Qualquer assunto pode ser importante, e isso não depende apenas da curiosidade da criança (se não estiver particularmente interessada no tema, lerá sem maiores envolvimento... e dia virá em que aquele livro lhe será revelador e esclarecedor!). Depende também do desenvolvimento do mundo, das contradições que a criança vive e encontra à frente, se si desenvolve com elas ou apenas observa os fatos, e para isso é preciso estar atento e poroso a tudo que acontece... (há temas datados, que pela própria evolução dos costumes deixaram de ser polêmicos, pois de um jeito ou de outro, a civilização, os integrou... há outros que estão surgindo devagarzinho, há outros efervescentes, sobre os quais o momento de falar urge e se impõe).

4.6 A leitura e o espírito crítico

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor, ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas repetitivo.

Pois é preciso saber se gostou ou não do que foi contado, se concordou ou não com o que foi contado... É perceber que ficou superenvolvido, querendo ler de novo mil vezes (apenas algumas partes, um capítulo especial, o livro todinho...) ou saber que detestou e não querer mais nenhuma aproximação com aquela história tão chata, tão boba ou tão sem graça... É formar opinião própria, é ir formulando seus próprios critérios, é começar a amar um autor, um gênero, uma idéia, um assunto e, daí, ir seguindo por essa trilha e ir encontrando outros volumes... (que talvez façam o amor pelo autor redobrar, ou provoquem uma decepção... isso tudo faz parte da vida!).

E há tanto o que analisar, o que discutir, o que fazer a criança perceber, opinar criticamente. Em relação à história: se boa, se interessante, se palpitante, se boba etc... As idéias do autor: novas ou batidas. E o ritmo? Muito longo, rápido demais... Algo de especial, por quê não deixar a criança – sozinha – descobrir essa especificidade que ela sentiu, percebeu... Deixando que ela dê sua opinião, aproximando-a assim sobre o que leu.

5 O QUE SE DESEJA, AFINAL, EM RELAÇÃO AO ENSINO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Antes de tudo, é preciso que a literatura possa cumprir, e cumpra, um papel emancipatório, pois a criança e o jovem, com a leitura de literatura infanto-juvenil, devem ter um encontro em plenitude, consigo e com o livro. Isto porque, hoje, com a liberdade que se deseja no ato de leitura, pretende-se que exista, por parte desse leitor, uma participação ativa na construção do texto; o leitor é levado à experimentação de uma outra realidade, uma realidade que se encontra no texto e que tem a missão de integrá-lo ao mundo.

A leitura de literatura deve ser sinônimo de espontaneidade, liberdade e prazer. Com ela podem e devem ser conhecidas outras realidades, outras formas de viver, mesmo que distantes, além de realidades e visões de mundo que retratem o período e o ambiente cultural em que o aluno/ o leitor está inserido. O papel do professor, nesse processo, é o de ser mediador para que o leitor receba um impulso para perceber as múltiplas visões sugeridas em cada criação literária, como afirma Zilberman (1992).

Ao professor cabe o detonar das múltiplas visões que a criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado.(ZILBERMAN,1982, p.24).

Desse modo, o leitor se tornará um leitor crítico e o livro será para ele um desencadeador de interesses e curiosidades. Mas como ele se transformará em um crítico pela leitura de ficção? Ora, o livro trará o poder de aguçar, pela imaginação, o intelecto, fazendo com que o leitor seja impelido a buscar novas e maiores informações sobre o mundo narrado/ contado a ser descoberto. Logo, a leitura, além de prazer, será uma ação cultural, cuja a participação crítica fará com que o aluno relacione o espaço fechado da escola com a esfera privada ou pública. E por que não dizer que a literatura propicia a esse pequeno leitor uma tomada de consciência de si próprio? Com os livros, os leitores serão “arqueólogos de seu destino”, estarão conhecendo-se.

Com efeito, relações entre literatura e escola são complexas. Logo, uma seleção de obras ou de textos, qualquer que seja(m) o(s) critério(s) dessa seleção, não abarcaria(m) ou resolveria(m) essa questão. No entanto, o professor deve sempre levar em consideração um

critério especial: **a interação leitor-texto** e, se possível, procurar adequar a leitura ao gosto do aluno para que essa leitura se torne **literária** e não uma imposição escolar. Enfim, é fundamental que tudo advinha do contato com o livro e com o prazer da leitura. O proveito da leitura de textos considerados bons e ou superiores será fecundo e produtivo, conforme as condições das atividades que circundarem a perspectiva de leitura na escola. Desse modo, a leitura de literatura não será uma atividade periférica, nem somente uma atividade de classe, mas uma atividade lúdica prazerosa, em contato solitário e profundo, como pede a obra, tanto para o professor como para o leitor.

5.1 A literatura infantil: abertura para a formação de uma nova mentalidade

Segundo Nelly Novaes Coelho (1984), partindo do dado básico de que é através de sua consciência cultural que os seres humanos se desenvolvem e se realizam de maneira integral, é fácil compreendermos a importância do papel que a literatura pode desempenhar para os seres em formação. É ela, dentre as diferentes manifestações da Arte, a que atua de maneira mais profunda e duradoura, no sentido de dar forma e de divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização.

Daí a importância da Literatura Infantil, nestes tempos de crise cultural: cumprindo sua tarefa de alegrar, divertir ou emocionar o espírito de seus pequenos leitores ou ouvintes, leva-os de maneira lúdica, fácil, a perceberem e a interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeiam, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação ou de segurança, ao lhe propor objetivos, ideais ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social.

Portanto é ainda ao livro, à palavra que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência-de-mundo das crianças e jovens. Apesar de todos os prognósticos pessimistas, até apocalípticos, acerca do futuro do livro (ou melhor, da literatura), nesta nossa era da imagem da comunicação instantânea, a verdade é que a palavra literária escrita está mais viva do que nunca. E parece já fora de qualquer dúvida, que nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que ela permite.

O impulso para “ler”, para observar e compreender o espaço em que vive e os seres e coisas com que convive, é como sabemos algo inerente ao ser humano. Desde sua inteligência teve condições para organizar, em um conjunto coerente, as formas e situações que ele enfrentava em seu dia-a-dia, o homem foi também impedido a registrar, em algo durável aquelas experiências fugazes... A descoberta da arte das cavernas, de há 12 ou 15 mil anos

atrás, feitas pelos arqueólogos, mostram de maneira inequívoca, esse impulso essencial que leva o homem a expressar através de uma forma (realista ou alegórica) suas experiências de vida.

E se, de todas as formas de expressão de que o homem dispõe para dar forma a suas vivências e experiências, as da Arte estão em primeiro plano, não há dúvidas de que, entre as artes, a Literatura e das mais eloqüentes, devido à amplitude de seus recursos expressivos. Ela não só pode dar perenidade ao gosto ou ato fugaz de viver, como principalmente se concretiza em uma maneira matéria formal que corresponde aquilo que distingue o homem dos demais seres do reino animal: a palavra, a linguagem criadora.

Ao estudarmos a história das culturas e modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração, verificamos que na transmissão de seus valores de base, a literatura foi seu principal veículo. Literatura oral ou Literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição que nos cabe transformar, tal qual outros, o fizeram antes de nós, com os valores herdados que por sua vez renovados.

Já no início dos anos 70, estudiosos da área de Educação e da Literatura chegavam à conclusão de que um novo interesse pelo livro e pela palavra escrita estava surgindo, após o impacto e o grande êxito da televisão que fizera prever, no mundo futuro, a definitiva substituição da palavra escrita pela imagem.

Não há dúvida de que uma “era da letra impressa” está começando para a literatura, com a consciência de que ela é a mediadora ideal (porque dá prazer, emociona, alegra, engaja o ser inteiro em sua leitura), para livrar o homem (e o ser imaturo, especialmente) a descobrir o mundo em que deve viver em contínua e essencial relação com os outros e a verdade e “responsabilidade” de seu próprio eu.

Eis porque dizemos que a literatura infantil é uma “abertura”, para a formação de uma nova mentalidade. Estamos numa fase de evolução em que o conhecimento do próprio homem, descoberto na profundidade de ser o não ser, de sua mente e potencialidades talvez vá ser as atividades mais importantes da consciência e da arte. Novas formas de vida nos solicitam cada vez com mais urgência e imposição. Nesse sentido, nova literatura (infantil, juvenil e adulto) deve dar corpo a presença atuante àquelas formas. Muitos e muitos escritores, hoje já estão conscientemente, buscando esses novos caminhos que servirão de estímulos de sugestão ou de iluminação aos novos comportamentos, idéias, sentimentos que darão forma definitiva ao mundo de amanhã.

A área é exatamente diversificada; os processos os mais variados; valores, idéias comportamentos existem numa polaridade fecunda, pois a humanidade é feita de diversidade e não de um bloco monolítico de valores tendências ou aspirações.

Hoje, longe de ser vista como um (gênero menor) em relação à área global da Literatura, a Infantil vem sendo reconhecida como um valor maior. Como verdadeiro ponto de convergência das realizações, valores, desvalores, ideais, idéias ou aspirações que definem a Cultura ou a Civilização de cada Época. Tudo aquilo que uma Sociedade incorpora com código de valores ou desvalores a pautar o comportamento de seus cidadãos, e em relação ao qual cada indivíduo deve-se situar para conseguir ou não, sua própria civilização, Está expresso (ou deve estar) na literatura que os adultos destinam aos jovens – Que estes conheçam tal “código” deste cedo e incorporem (uma vez que ele é a base, e o fundamento que sustenta toda a ação social).

A criança é vista como um ser em formação, cujo potencial deve-se desenvolver em liberdade, mais orientado no sentido de alcançar maior plenitude em sua realização.

5.2 A natureza da Literatura Infantil

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é antes: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível e impossível representação.

Literatura é uma linguagem específica que toda linguagem expressa uma determinada experiência humana; e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade, em sua constante evolução. Conhecer a Literatura que cada época destinou às suas crianças é, conhecer ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e fundamenta...).

Verbalmente a expressão “literatura infantil” sugere de imediato a idéia de belos livros coloridos destinados à distração e prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Devido a essa função básica, até bem pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada como criança literária e tratada pela cultura oficial como um gênero menor.

Portanto, a valorização da literatura infantil, com fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis, bem como dentro da vida cultural da sociedades, é conquista recente. Sempre centradas em situações motivadoras, retiradas da

realidade cotidiana e perfeitamente compreensíveis pelo espírito infantil, as mensagens desses livros são essencialmente formadoras de uma consciência-de-mundo bastante generosa facilmente assimilada pela criança.

Entre as atitudes ou valores que entregam tal consciência, estão: alegria de conviver, o impulso de fraternidade que leva cada um a dar ao outro aquilo que está ao seu alcance; o espírito solidariedade, a utilidade de cada coisa ou ser; ou entusiasmo por fazer coisas; a beleza das coisas que nos rodeiam; a consciência de que vários elementos isolados quando fundidos resultam em uma realidade nova totalmente diferente de cada uma de suas partes constituintes; valorização do trabalho de equipe; o amor gêneros etc.

Lembra a psicanálise que a criança é levada a se identificar com o bom herói bom e belo, não devido a sua bondade ou beleza, mais por sentir nele a própria personalificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e de beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção. Identifica com os heróis e heroínas do mundo do maravilhoso, a criança é levada inconscientemente, a resolver sua própria situação, superando o medo que a inibe e ajudando-a a enfrentar os perigos e ameaças que se dá à sua volta e assim, gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto.

Intuitivamente, a criança compreenderá que tais histórias, embora irreais ou inventadas não são falsas, pois ocorre de maneira semelhante no plano de suas próprias experiências pessoais. Sua análise ressalta ainda que a finalidade dessas histórias é confirmar a necessidade de se suportar a dor ou correr riscos para se conquistar a própria identidade. O final feliz acena com a esperança no fim das provações ou ansiedades.

Principalmente os escritores de literatura para crianças, meninos, meninas, ou jovens, encontrarão neste instigante estudo farto material de reflexão para suas criações literárias.

CONCLUSÃO

Ao analisar as contribuições da literatura infantil na formação do leitor ficou claro que ela, se trabalhada de maneira adequada pode com certeza despertar no aluno o prazer e o desejo de ler e com isto pode levá-lo a desenvolver o espírito crítico, argumentativo e criativo, bem como adquirir conhecimentos e autonomia que são condições essenciais para a vida digna em sociedade.

É certo que a literatura deve ser oferecida à criança de forma natural assim como se oferecem brinquedos, por exemplo. É muito importante que a criança possa, desde que nasça, ouvir histórias e viva num ambiente em que haja exemplos de leitores para que possa desenvolver a linguagem oral e escrita vendo o sentido e a utilidade disto.

Por tudo isto percebemos o que o homem, pela condição de viver em sociedade, está constantemente sentindo necessidade de ouvir ou contar algo, para alguém. Quando criança é comum ouvir histórias contadas pelos familiares, vizinhos ou amigos e se isto se torna um hábito, com certeza este prazer vai influenciar a vida destes ouvintes que poderão ser grandes apreciadores das histórias escritas, podendo tornar-se bons leitores. Para isto, o contato com o livro deve ser espontâneo, partindo do interesse do aluno, pois assim ele poderá amar os livros, assim como ama ouvir histórias. A literatura infantil é constituída de textos que foram escritos observando a faixa etária das crianças sendo, portanto, melhor compreendidos por elas, o que é um estímulo para a leitura.

Ao estabelecer relação entre as leituras de mundo e a leitura da palavra percebemos que uma completa a outra. Além disso, é imprescindível que a escola tenha a consciência de que o aproveitamento das leituras de mundo que a criança já exercita desde o nascimento é fundamental para que ela inicie seu processo de aquisição da leitura da palavra partindo do que já sabe, evitando que de repente ela se sinta num universo onde nada tenha sentido para ela.

Ao longo da realização da pesquisa, estudos e estruturação deste trabalho, sentimos ansiedades, mas também um grande prazer porque vimos o que tínhamos descoberto e aprendido ao longo de toda a nossa vida profissional e nos últimos três anos em nosso curso de Pedagogia para as Séries iniciais – Professor Nota 10 UniCeub, contribuíram para que nós adotássemos uma nova postura, contribuindo para a mudança e melhoria do ensino, com o uso crítico da literatura infanto-juvenil nas séries iniciais.

REFERÊNCIAS

- ABROMOVICH, Fanny. **Gostosuras e Bobices**. 5. ed. São Paulo-SP. Scipione. 2002.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e Linguagem: a obra literária e a expressão lingüística**. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1974.
- COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. 7. ed. São Paulo-SP. Ática. 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. Revista Criança, nº 38. Ministério da Educação e Cultura, janeiro, 2005.
- CUNHA, Alda Maria Alves da. **Vários Olhares sobre um mesmo objeto - língua**. (Série: FAED - língua, lingüística e literatura). Cuiabá, EDUNIC, V.1, 2000.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil e Alfabetização**. Revista de Educação AEC, ano 19, nº 76. Brasília: Ed. AEC do Brasil, jul. /set. 1990.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil – teoria e prática**. 16. ed. São Paulo, Ática, 1997.
- CURY, Augusto. **Pais Brilhantes e Professores Fascinantes**. 9 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FERNANDES, Dirce Lorimier. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GÓES, Lucia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. 2. ed. São Paulo-SP. Pioneira. 1991.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo – Rio de Janeiro**. Objetiva. 2002.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: **Língua Portuguesa**. Volume II. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: 1997.

PAULINO, Graça. **O jogo do livro infantil**: textos selecionados para formação de professores. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.

PINTO, Gerusa Rodrigues. **O Dia-a-Dia do Professor**. Vol. 8, 1. ed. Belo Horizonte-MG: FAPI. 1997.

RAMALHO, Priscila. **A Literatura deve dar Prazer**. Revista Nova Escola, ano 16, nº 145. São Paulo: Abril, setembro, 2005.

SILVA, Ana Araújo. **Literatura para Bebês**. Revista Pátio, ano 7, nº 25. São Paulo: fev./abr. 2003.

SOUZA, José Vieira de. **Aprendendo a Aprender**. Literatura Infanto-Juvenil. Vol.10. Uniceub. 2005.

WEISZ, Telma. **Didática da Leitura e da Escrita**: Questões Polêmicas. Revista Pátio, ano 7, nº 28. São Paulo, nov. 2003/jan. 2004.